

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:

M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Festa de Homenagem ao Snr. Mário Campos Henriques

NO passado dia 26 de Março, dia do aniversário natalício do Ex.^{mo} Senhor Mário Campos Henriques, o pessoal da TEBE viveu horas altas de entusiasmo, solenizando, numa cerimónia simples mas significativa, este dia.

Desde o operário mais humilde ao empregado mais categorizado, todos quiseram contribuir para uma lembrança, simples recordação de almas dedicadas e reconhecidas.

Cremos bem, que o Snr. Campos Henriques não tem, apenas, em cada operário, um servidor fiel, mas também um amigo sincero e grato. Todos sentem que o Snr. Campos Henriques compreende os seus problemas, ampara-os nas suas dificuldades e acarinha-os nos seus momentos de desânimo ou de incompreensão. Porque o seu Patrão passava com saúde e alegria um aniversário mais, todos, irmanados nessa alegria, contribuíram para que neste dia o Snr. Campos Henriques fosse mais feliz ainda, sentindo à sua volta unidos e agradecidos, as centenas de operários que, todos os dias, ganham honradamente o seu pão — felicidade

do lar. Eram precisamente 17,30 horas quando o Snr. Campos Henriques entrou no salão onde — longe de pensar — era aguardado pelos digníssimos sócios trabalhadores, Snrs. Luís Fernandes Pinheiro, Francisco José Faria Torres e Cândido G. Pereira, e todo o pessoal.

O Sr. Campos Henriques vinha acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, D. Generosa Campos Henriques.

Neste momento uma sinfonia de palmas e uma chuva de pétalas de flores completavam este interessantíssimo quadro...

As palmas e os vivas saíam tão naturalmente da alma que nos parecia não mais terminarem.

Em seguida, o Snr. Armando Pimenta, nosso companheiro de trabalho, pediu ao operário n.º 1 para, em nome de todos, abraçar o Snr. Campos Henriques.

As lágrimas saltaram dos olhos espontaneamente e os abraços seguiram-se como se uma força mais alta nos dominasse a todos.

O operário n.º 1 foi bem escolhido, pois simbolizou, na singeleza do seu número, o número de toda a massa trabalhadora.

O Sr. Campos Henriques, profundamente comovido por tão sincera como significativa homenagem, agradeceu com a voz embargada pela emoção.

DIA 27

Sarau de Arte do Centro de Recreio Popular da TEBE

O aniversário do Snr. Campos Henriques foi solenizado também com a inauguração do Centro Popular de Recreio da TEBE que, para tal, realizou um interessante sarau, que constou de vários números. A apresentação foi feita pelo trabalhador Manuel Sousa que disse dos propósitos que o animavam a levar a bom termo esta iniciativa.

Na primeira parte ouvimos o grupo coral sob a direcção do empregado Snr. Eduardo António. Todos os números foram muito aplaudidos. Seguiram-se, depois, duas peças interpretadas por operários e operárias que desempenharam os seus papéis com bastante perfeição, mostrando bem o cuidado que ouve nos seus ensaios.

Os operários que desempenharam «Rosas de Todo o Ano» foram: Eva Pimenta e Isolete Machado, e a peça cômica «Duas Gatas» foi interpretado por: Maria José Silva, Margarida Santos, Manuel Sousa, António Oliveira da Silva, Adriano Faria e António Luís Correia.

Finalmente fez-se ouvir, em vários números de música, com grande agrado, a orquestra do Centro de Recreio Popular de Barcelinhos.

No fim da festa, mais uma vez, o Snr. Campos Henriques foi alvo de uma manifestação de carinho, tendo recebido dos componentes do grupo cénico um lindo ramo de flores.

Assim terminou esta noite de alegria para o pessoal da TEBE e para os numerosos convidados que a ela tiveram o prazer de assistir.

O Director do «Boletim Social da TEBE» agradece o convite.

Considerações

O «Boletim Social da TEBE», é com satisfação que vê surgir o Centro de Recreio Popular da TEBE, pois compreende como ele poderá ser uma fonte de cultura,

(Continua na página 8)



O Snr. Campos Henriques escutando a mensagem de saudação

Porto, 25 de Março de 1955

Ex.^{mo} Snr.
Campos Henriques
Dign.^o Sócio Gerente da
Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a
BARCELOS

Ex.^{mo} Snr.

Cumpre-nos agradecer reconhecidamente, a forma como V. Ex.^a recebeu ontem na sua fábrica o signatário desta e o nosso Engenheiro Snr. Manuel Moraes.

Dizemos não por lisonja, mas com toda a sinceridade, que viemos encantados com a organização dessa unidade fabril que, dentro da sua especialidade é grande, a maior do País e importante em qualquer parte da Europa.

Desejando à Empresa e a V. Ex.^a as melhores prosperidades, receba V. Ex.^a com os nossos cumprimentos, a expressão sincera da nossa maior consideração,

A. Gama Rocha de F.^{os}

MORTE NA ALDEIA?

Por GEORGES SIMENON

UMA noite o telefone tocou aí pelas onze horas, e nós resolvemos tomar o comboio que partia uma hora depois. São estes, em resumo, os factos que levaram G 7 a tão repentina decisão:

Naquele mesmo dia, às quatro da tarde, os habitantes de Tracy, pequena aldeia das margens do Loire, viram o corpo de uma jovem boiando à tona de água, arrastado rio abaixo pela corrente.

Pescaram-no com uma barca. Embora não mostrasse sinais de vida, um trabalhador das vinhas foi a Pouilly buscar um médico, e este trabalhou duas horas tentando reanimá-la por meio de respiração artificial.

A jovem não voltou à vida. Ninguém a conhecia. O prefeito estava ausente. A Guarda Rural não se encontrava nas proximidades; não havia polícia. O cabo de polícia de Pouilly andava percorrendo a região, e não poderia chegar antes do dia seguinte.

O agulheiro do caminho de ferro tinha um pequeno telheiro atrás da sua casa. Puseram o cadáver ali. Ao anoitecer, a multidão dispersou-se.

Pelas dez da noite, o agulheiro saiu de casa para dar sinal a um comboio de mercadorias. Passando pelo telheiro onde tinham deixado o cadáver, ficou surpreendido ao notar que a porta, que ele próprio fechara, estava entreaberta.

Assustado, foi procurar a mulher. Aproximaram-se com uma lanterna, espreitaram pela abertura...

O cadáver tinha desaparecido! Nada havia no telheiro!

Chegamos à localidade pelas seis da manhã, e da estação pudemos ver o telheiro e os camponeses que se aglomeravam excitadamente em redor.

A aldeia de Tracy encontra-se situada na margem direita do Loire, num ponto em que o rio se alarga e aparece semeado de

grandes ilhas de areia. Frente à povoação pode ver-se o castelo de Sancerre; mas é preciso fazer um grande rodeio para chegar à ponte pênsil, de modo que Tracy fica relativamente isolada.

Os homens que vimos ali eram quase todos trabalhadores das vinhas. Alguns deles, alertados pelo agulheiro, tinham passado a noite de atalaia na estrada, à espera da polícia.

A polícia de Pouilly tinha chegado pouco antes de nós. Achava-se agora ocupada em fazer uma inquirição geral, que estava produzindo resultados confusos.

Um facto era certo: a jovem, depois de duas horas de respiração artificial, não mostrara sinais de vida, e o médico assinara a certidão de óbito sem hesitar.

Mas um velho barqueiro perturbava o espírito dos seus ouvintes relatando um curioso acontecimento que presenciara muitos anos atrás: a filha de um barqueiro do rio tinha caído à água durante a ausência do pai e não fora pescada senão uma hora depois; dois médicos tinham-na dado por morta; o pai voltara, atirara-se ao corpo da menina e submetera-a a movimentos rítmicos durante dez horas a fio, e, por fim, ela tornara à vida, pouco a pouco...

Seria impossível descrever o efeito dessa narrativa. Súbitamente os camponeses começaram a tremer e o agulheiro afastou temerosamente os olhos do telheiro.

G 7 não vira motivo para revelar a sua posição oficial. Estávamos ali como simples espectadores curiosos — para ver e ouvir tudo. Embora fosse Agosto e não tivesse chovido nas últimas duas semanas, alguns dos presentes teimavam em procurar pegadas na terra endurecida da estrada.

O cabo da polícia não sabia o que fazer. Continuava a tomar nota de tudo o que lhe quisessem contar e tinha garatujado as pá-

Fazem anos no mês de MAIO, os nossos seguintes trabalhadores:

DIA 1 — Maria da Glória Martins e Deolinda Gomes da S. Fernandes.

DIA 2 — José J. Moreira Dias e Maria M. F. de Castro.

DIA 3 — Maria A. A. da Silva e Maria Aija T. Gomes.

DIA 4 — Domingos do Vale, Ana M. da C. Borges e José Ferreira P. de Carvalho.

DIA 6 — Manuel D. de Freitas.

DIA 8 — Rosa Gomes Ferreira e Eduardo Fernando M. Figueiredo.

DIA 10 — Diamantina Neiva Pereira, Maria I. M. B. Mesquita, Conceição Pereira, Maria Zélia F. Pereira e Maria da Assunção G. Ferreira.

DIA 11 — Arminda de Azevedo Gomes.

DIA 12 — Joaquina Vieira Alves, Maria Deolinda M. Gonçalves, Maria Conceição F. de Carvalho e Beatriz A. da Silva Portela.

DIA 13 — Manuel Miranda.

DIA 14 — Maria A. R. da Silva.

DIA 15 — Abrião de Jesus G. Martins.

DIA 16 — Maria Teresa G. de Sousa.

DIA 17 — Maria Alzira Ferreira Barbosa.

DIA 18 — Maria R. Miranda, Maria O. M. Alves e Alberto de Castro Pinto.

DIA 20 — Maria A. R. Vilas

Boas e Maria Beatriz de J. G. Ferreira.

DIA 21 — Maria de L. A. Simões e Maria Júlia de O. Alves.

DIA 22 — Joaquina Faria Oliveira.

DIA 24 — Manuel da Silva Pereira, Maria da Glória F. Lopes e António de Jesus Lourenço Ramos.

DIA 25 — Maria da C. C. Vilas Boas, Maria da G. da S. Gomes, Manuel Ferreira e Maria Angela F. Dantas.

DIA 26 — Josefa O. da Rocha, Amílcar Simões de Carvalho, Maria Helena da Silva Martins e Manuel C. P. Figueiredo.

DIA 27 — Maria da S. Andrade e José G. Barros de Mesquita.

DIA 28 — Laurinda do C. da S. Fernandes.

DIA 29 — Ana M. de Jesus, Maria Manuela F. da Silva e Maria A. P. de Araújo.

DIA 30 — Deluvina Correia Calheiros.

DIA 31 — Maria Irene Martins de Sá e Maria do C. F. Lopes.

|||||

Mensais

DIA 11 — Henrique José de S. C. da Silva.

do seu canhenho, página após página.

Pelas dez da manhã surgiu o primeiro incidente imprevisto. Um carro cbegou de Loges, outra aldeia muito parecida com Tracy, localizada quatro quilómetros acima. Uma mulher robusta desceu numa grande aflição.

A mulher gritava. Gemia. Um velho camponês seguia-a em silêncio.

— Era minha filha, não era?

Alguém começou a descrever a jovem afogada e as roupas que trazia. Os presentes puseram-se a discutir; não podiam chegar a um acordo sobre a cor dos cabelos da rapariga. Mas não havia dúvida nenhuma: a jovem afogada era Angélique Bourriau, cujos pais acabavam de chegar de Loges.

O pai ficara tão acabrunhado pela descoberta que não podia dizer uma palavra. Olhava estupidamente em torno de si. Mas a mãe falava por dois, na sua voz aguda e volúvel.

— Isto é coisa daquele Gaston, com toda a certeza...

Os outros começaram a escutá-la. Souberam que Angélique, que tinha dezanove anos, se apaixonara por um funcionário da Tesouraria de Saint-Satur, um rapaz sem vintém e que nem sequer fizera o serviço militar.

Naturalmente os Borriau opunham-se ao casamento. Tinham

outro pretendente debaixo de olho, um sólido camponês, trabalhador das vinhas de Pouilly.

O casamento devia realizar-se dois meses depois.

G 7 e eu fomos os primeiros a chegar a Saint-Satur, deixando a polícia, os pais e os espectadores ainda agrupados em torno do telheiro vazio.

Eram onze horas quando entramos na Tesouraria. O funcionário que nos atendeu, ao balcão, era o próprio Gaston — Gaston Verdurier, para darmos o nome por extenso.

Era um jovem de vinte anos, alto, de olhos febris e lábios que tremiam à menor emoção.

— Faça favor de vir cá fora um momento.

— Mas... — e Verdurier apontou para o relógio, mostrando que ainda faltava muito para o meio dia.

— Prefere conversar aqui? É sobre Angélique...

O jovem pegou apressadamente no chapéu e acompanhou-nos à rua.

— Que horas eram quando você a deixou ontem à tarde?

— Mas... Que é que o senhor quer dizer com isso? Eu não a vi...

— Você amava-a, não?

— Sim...

(Continua na página 7)

MINHO! JARDIM DE SONHO FESTAS DAS CRUZES

(Continuação do número anterior)

TUDO é colorido... desde os bailaricos em volta dos harmónios, pandeiros e violas, às inúmeras desgarradas, que se cantam e se vivem juntamente com cantares ao desafio. Eis algumas quadras que ficaram, para sempre, nas memórias e nas almas:

ELE

És par'cida a um vulcão,
Quando a meu lado estás...
Tua boca é o inferno...
És bem Maria-razapaz.

ELA

De canalhas estou eu cheia,
Desde o chão ao meu telhado;
Se meus olhos fossem pedras
Já te tinha apedrejado!

ELE

Não estejas tão nervosa,
Põe-te mais doce Maria!...
Gosto de ti, serás minha,
Gosemos a romaria!...

ELA

Provocaste-me... atrevido!
Agora vens de mansinho...
És ainda muito novo
Pra me seguires no caminho.

E o cenário continua, sempre pujante de encanto. O Sol, agora, ergue a sua face rutilante e esconde-se para além... Aqui, os pãpanos frescos das videiras enlaçam-se nos frios esteios de pedra das ramadas... Uma chuva miudinha e vaporosa salpica a folhagem das árvores em redor... O efeito é mais belo ainda... a humidade da chuva deu mais beleza aos esbatidos verdes, que se perdem nas retinas dos meus olhos...

Por toda a parte a natureza grita o seu poema da multiplicação... Campos emoldurados de ramadas e árvores, com fundas covas de terra acastanhada abertas pela força dos arados... e um calor escaldante... convida-nos a beber uma boa pinga

do velho verdasco num grácil púcaro de barro. De quando em quando, uma papoula vermelha brilha na seara loura e dá a todo este conjunto de fartura uma nota rubra de encanto e de graça. É assim o Minho! Belo, alegre, colorido, cheio de encanto e de frescura.

Lá longe, não muito longe, o velho campanário ergue, numa toada de sempre, as badaladas dolentes das Avé-Marias. Todos se descobrem num respeito natural, espontâneo, sincero... vindo da alma.

Aqui e acolá, vêem-se cazitas rústicas, cobertas de hera e rosmaninho à volta... Mas dentro dessas humildes casas há limpeza, há amor e há esperança. Os lençóis são de linho alvo, fiado e tecido à porta da casa. As cobertas das camas são mantas de farrapos que a paciência e o engenho transformaram em autênticas obras de arte...

Tudo convida, portanto, uma sesta merecida.

E os sarrabulhos?! São de comer e morrer por mais.

E as vindimas?! Oh! que alegria! Andam no ar as cantigas; há música, abundância... alegria.

Os cachos avolumam-se nos cestos e, por vezes, misturam-se com beijos e abraços.

O cenário do Minho não fica por aqui. As esfolhadas iniciam um capítulo de graça... e de eterna poesia.

De noite, à luz do luar, as espigas parecem rubros montículos de ouro a desfazerem-se em mãos de fadas. Como são belas as desfolhadas! Quando, porém, no meio de tantas espigas aparece uma vermelha (a linhariça), é um rosário de beijos e abraços... que se guarda, quase sempre, no nosso mundo das mais santas recordações.

A terra tudo dá, Santo Deus! E agora, para terminar, convido o leitor amigo e benevolente a vir ao Minho e visitar o mundo das suas graças e encantos... Bendito seja o Minho!...

Ó Minho jardim eterno!...

És a província mais bela...

Tuas casas... tuas moças

Perduram numa aguarela...

Celso Cunha

Realizam-se nos próximos dias 1, 2 e 3 de Maio, as grandiosas e imponentes Festas das Cruzes, das quais faz parte o seguinte programa:

Feira do artesanato barcelense, Feiras Francas, Concurso do Traje da Região de Entre Douro e Minho, Fogo do Rio, Concurso Pecuário, Fogo Preso e do Ar, Feira Popular, Exibição de Grupos Folclóricos de projecção internacional, Músi-



Dois encantadores aspectos de Barcelos

cas, Iluminações, Importantes solenidades religiosas no Mosteiro do Senhor Bom Jesus da Cruz, 3 Festivais nocturnos de empolgante beleza e alegria.

Além destes números do programa, outros haverá, que muito bem impressionarão as milhares de pessoas que por ocasião das nossas atraentes festas nos costumam visitar.

UM SÁBIO

Albert Einstein

○ mundo inteiro acaba de perder uma das suas figuras mais notáveis no domínio das Ciências Matemáticas e Físicas.

As suas teorias revolucionaram as noções do Universo acrescentando às três dimensões tradicionais uma quarta — o tempo — e pondo em dúvida as próprias bases da Lei de Newton. Foi Einstein que demonstrou, há muito tempo, que uma pequena quantidade de matéria pode produzir uma quantidade astronómica de energia. A primeira bomba atómica foi a prova mais concreta desta sua afirmação, baseada em estudos profundos.

Depois do bombardeamento de Hiroshima, acto de violência, pois nessa destruição total e rápida nada foi poupado nem respeitado: velhos, crianças, doentes, obras de arte, relíquias do passado, tudo se pulverizou nuns segundos horríveis, e os sobreviventes, raros, nunca mais ficaram isentos das consequências dessa radioactividade, Albert Einstein exprimiu a sua inquietação: «Presentemente — declarou — a energia atómica não é um benefício para a humanidade mas sim uma ameaça. Ante as inúmeras experiências atómicas Albert Einstein sempre levantou a sua voz pedindo aos homens — prudência e amor para com a pobre humanidade inocentemente exposta a tantos perigos.

Albert Einstein nasceu em 14 de Março de 1879, em Ulm, cidade alemã. Seu pai era um israelita zuavo. Mais tarde Einstein teve dificuldades por ser um judeu alemão emigrado. Em 1933 foi designado pelos nasis como «inimigos do Estado». Nos Estados Unidos começou a trabalhar no Instituto dos Estudos Superiores de Princeton. Em Outubro de 1940 naturalizou-se cidadão americano.

No fim da última guerra, Albert Einstein, juntou-se 203 que pediram a admissão livre dos judeus na Palestina e o estabelecimento de uma nação judaica com organização democrática.

Em 1948, enviou a um congresso de intelectuais reunidos em Varsóvia uma mensagem na qual recomendava a formação duma «organização supra-nacional» que seria a única a ter o direito de possuir o que ele denominava «horríveis engenhos» inventados nos últimos anos.

Vida inteira consagrada à Ciência, Einstein foi um sábio que ascendeu à mais alta consideração e reconhecimento dos mais profundos espíritos científicos que se renderam admirados ante as suas teorias e descobertas.

A pesar de tão universalmente admirado — Einstein fazia uma vida modesta. O seu desprezo pelas honras e riquezas era por todos conhecido. As distrações favoritas deste grande espírito, tão preso às leis positivas da Física e às concepções abstractas da Matemática, eram o violino e o desporto da navegação à vela.

Que o mundo tenha o senso de aproveitar estas espantosas descobertas para benefício da humanidade a quem tanto falta e que tanto sofre ainda...

Antónios do Norte

Dos Antónios do Norte recebemos a quantia de 20\$00 (vinte escudos) destinada a um António nosso protegido.

Aproveitamos a quadra festiva da Páscoa e fizemos entrega da importância enviada ao afilhado dos Antónios de Barcelos — o menino António Miranda, filho do carteiro Miranda.

Mais uma vez renovamos os nossos agradecimentos aos Antónios do Norte por encontrarem no nosso «Boletim» um baluarte do bem.

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1955

Ex.^{mo} Snr.
Director do BOLETIM SOCIAL DA TEBE
Campo 5 de Outubro, 39 — R/C
Barcelos

Ex.^{mo} Snr.
Temos o prazer de anunciar a V. Ex.^a que vimos recebendo habitualmente o vosso magnífico boletim.

Muito agradecemos a V. Ex.^a a gentileza do seu envio, sobretudo por tratar-se de uma publicação que os nossos leitores muito vêm apreciando.

Sem outro assunto de momento, e fazendo votos pela prosperidade do «Boletim Social da Tebe», subscrevemo-nos

Atenciosamente

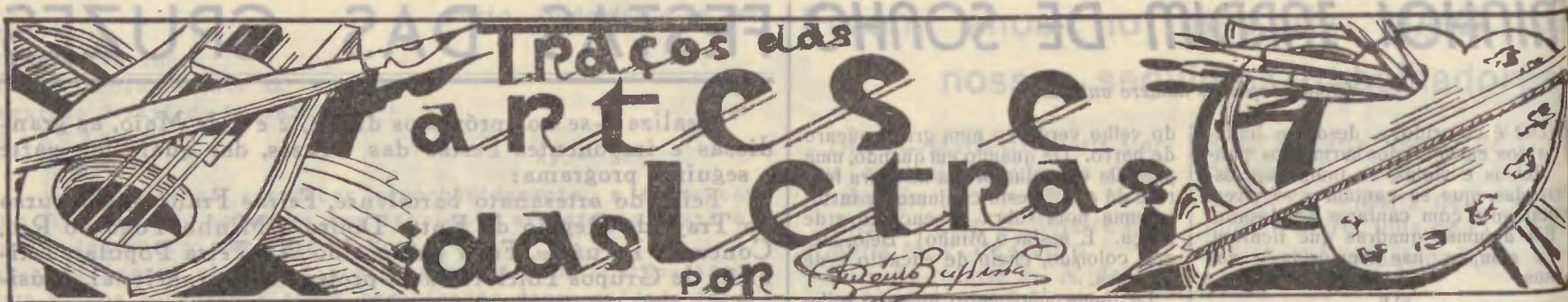
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS

CORRIGENDA

Na 1.^a página, 2.^a coluna, linha 15, onde se lê **ouve** deve ler-se **houve**.

António Baptista

O nosso Director, António Baptista, foi nomeado sócio dos «Jornalistas e Homens de Letras do Porto».



«RUMOS» E A CRÍTICA

O «Despertar de Coimbra» pela pena do seu director — ERNESTO DONATO — pronunciou-se assim:

Biblioteca de «O Despertar»

António Baptista — Rumos, Poemas — Barcelos, 1955. Vol. de 91 págs., mais V inum.

Li, com interesse crescente, os 29 poemas que compõem este livro, e a melhor e mais acertada crítica que deles posso fazer, seria transcrever aqui o que o Poeta me diz na sua advertência preliminar:

Em Rumos, há sinceridade, e diz-nos: Hoje, do cérebro e da alma dum trabalhador honrado saíram estes poemas que ides ler, tão despretenciosos e humanos e todos eles plasmados ao longo da sua vida...

Foram escritos com a experiência e com a alma no amargor da luta pelo pão de cada dia.

Na verdade, neles o «Poeta canta a sua vida, cantando as suas dores, os seus anseios, que são, sem paráfrases as dores da humanidade».

Neles ressumbra a Dor dos que sofrem!

É um livro bem intencionado

Ao acaso vou transcrever um dos 29 poemas de Rumos: Rumos ao intangível. «O homem nasceu livre e bom... O mundo, porém, vai-o despenhando no abismo da vaidade do egoísmo incomensurável dum porvir enigmático».

Amar, amar na vida... amar somente,

E ver em cada pedra uma promessa

Foi tudo que sonhei na minha pressa,

Num mundo que eu julgara ser diferente.

Erguer clarões de sonhos nos meus braços,

Beijar a dor, o pranto e os inimigos,

Lutar com fomes, pestes e perigos,

E suportar ainda os meus cansaços.

Foi tudo uma visão do impossível...

Num turbilhão dolente que passou

Foi tudo incorência... que ficou

Num rumo magoado de intangível.

E hoje eis-me fantasma da verdade,

Num mundo já repleto de traição...

Onde a vida é somente escravidão

E o mundo só orgulho, só vaidade...

A capa deste feixe de poemas, é muito sugestiva:

Na flecha dum catavento indicando os quatro pontos cardeais e erguido à

beira duma torrente onde flutuam talvez os poemas Rumos — a Morte caminha com a sua foice, em riste.

Agradece o exemplar enviado

ERNESTO DONATO

Antigo 1.º Bibliotecário da Universidade de Coimbra

Também o «Jornal de Notícias», do «Porto» se referiu ao livro de poemas Rumos desta maneira:

«António Baptista é um poeta que vive com os pés fincados na terra e os olhos bem abertos para as lutas e anseios dos outros homens, para a vida que o rodeia.

Os poemas de «Rumos», o livro que acaba de publicar, constituem, na sua essência, a solidariedade fraternal dum homem para «todos os que lutam, sofrem, são esmagados e conseguem ainda caminhar de novo» e são ao mesmo tempo uma mensagem de fé num mundo melhor».

E, o que há de mais sensibilizante nestes poemas é a sinceridade do autor, que, despido de artifícios, vem cantar a dor humana, dar largas à sua sede de justiça, sem esquecer que, além de poeta, é também um homem.

Por isso, «Rumos» lê-se com agrado, suscitando simpatia pelo autor, de quem há a esperar outros trabalhos significativos duma maior ascensão poética.

O livro tem uma capa muito sugestiva de António Carlos».

O jornal «O Barcelense» também se referiu ao poema «Rumos», pelo que transcrevemos a seguinte passagem:

«Rumos» são um grupo de lindos e sentimentais Versos, escritos com inteligência, entusiasmo e oportunidade, cuja leitura agrada aos mais exigentes da poesia».

O «Diário do Norte», do dia 11 de Abril criticou assim o livro:

«.....

Em seus versos, António Baptista revela-nos, sem dúvida, poesia verdadeira. Poesia verdadeira — que está no-decima e para além de «novidades» ou de fórmulas — porque as transcende.

Versos simples e ritmicos, ricos de emoção e de sentido, mas aqui e além prejudicados em seu espiritualismo pela influência de Freud.

.....

.....

TEIXEIRA PINTO

O «O Comércio do Porto», do dia 19 de Abril, diz assim:

«Cremos ser este volume de poesias o primeiro livro de versos de um poeta

UM POETA

João de Deus

JOÃO DE DEUS é uma das figuras máximas entre os cultores da poesia lírica em Portugal. Os seus versos são cheios de simplicidade, cheios de beleza calma, impregnados de sentimentos ternos. Nas suas poesias há uma musicalidade suave. São leves, etéreas poder-se-ia dizer até que perfumadas como as pétalas de uma rosa-chá, que se desfolhasse lentamente pela acção duma brisa primaveril.

João de Deus foi um poeta romântico na maneira de exprimir os seus pensamentos e foi um poeta romântico no modo de encarar a vida: só lhe viu as belezas, só sentiu o coração palpitar ante sentimentos puros, ante acções nobres, atitudes altas, ante ideais belos. Ora sorrindo, ora cantando, ora sentindo as tristezas do mundo e os seus desenganos, os seus versos correm com leveza, passam-nos aos ouvidos como uma toada infantil, espontânea, sincera, natural e cheia de encanto. Não há gritos de revolta, nem sarcasmos, nem êxtases. São gorgeios requebrados como os que nas manhãs límpidas de primavera se escutam por entre choupos e amieiros.

João de Deus, tal como os cavaleiros da Idade-Média, curvava-se respeitosa-mente ante a mulher, exaltando-lhe as virtudes, amando platonicamente a sua beleza, servindo-a com carinho. A mulher inspirava-lhe um amor cheio de ternura, uma admiração profunda. Contemplava-a e cantava-a comovido, como se adorasse uma figura etérea. Era um trovador medieval, curvando-se reverente ante aquela que lhe fazia palpitar apressadamente o coração.

João de Deus, nasceu no Algarve, em S. Bartolomeu de Messines a 8 de Março de 1830. A primeira fase da vida passou-a na sua querida província natal, enlevado talvez na maravilha daquele céu azul diáfano e perdido ante a beleza das amendoeiras floridas.

Aos 19 anos foi para Coimbra frequentar o curso de direito. Não foi um estudante aplicado e perdeu alguns anos por

amadurecido, senão tanto nas letras, pelo menos na vida, com experiência e conhecimento dos dramas humanos.

É que, em qualquer dos seus poemas, em vez de um estilo rebuscado e laborioso a enroupar futilidades, conceitos frívolos ou temas gastos, se verifica certa influência e profundidade indicadoras de um pensamento elevado, quanto ao conteúdo e a uma personalidade literária bem definida, quanto à forma.

A edição, é valorizada com uma capa artística de António Carlos.

Mês de Maio — Mês de Maria — Mês das Rosas

Por M. L.

A Igreja Católica consagra à Virgem Maria o mês de Maio, mês das Rosas, dos lírios, das açucenas, dos bem-me-queres, das margaridas e de uma variedade imensa de flores coloridas e perfumadas.

Portugal inteiro ajoelha aos pés da Mãe de Deus, implorando, com fé, o auxílio da Senhora dos Aflitos e Refúgio dos Pecadores.

Nas catedrais austeras, nas igrejas modestas e ricas, nas capelinhas isoladas que branqueiam por entre pinheirais, os altares de Maria, neste mês de Maio, são maciços de flores brancas e róseas donde se evolvam perfumes suaves. Todos acorrem com amor às novenas do "mês de Maria" e em devoção erguem preces e cânticos. Uns suplicam graças, de mãos postas e olhos magoados, outros, com ternura, agradecem favores do Céu, bendizendo o nome de "Maria".

Pena é que este mês de Maio não deixe nos corações mais que a recordação de festas coloridas onde as orações se misturaram com hinos e os perfumes das flores subiram com as espirais de fumo do incenso, num mesmo preito de louvor. Tu serias uma verdadeira rapariga se durante este mês pudesses encher a tua alma de flores perfumadas que merecessem também ser colocadas aos pés da virgem. Dia após dia recolhe na tua alma a pureza do lírio, a simplicidade da violeta, a ternura do bem-me-quer, o amor verdadeiro como as rosas que têm espinhos!... Então sim! o teu "mês de Maria" seria verdadeiramente vivido. Mas para isso seria necessário que tivesses a plena certeza de cumprir o teu dever em cada dia, seria necessário que

faltas. Era demasiado árido e objectivo o curso jurídico, para o seu temperamento contemplativo, para a sua alma lírica.

Concluída a formatura em 1859 deixou-se ficar em Coimbra onde veio a criar estreitas relações de amizade com alguns daqueles que seriam brilhantes espíritos da sua época: Antero de Quental, Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Alberto Sampaio, etc.

Colaborou em vários jornais e revistas e as suas composições andavam dispersas, e as suas composições andavam dispersas, pois nunca se dera ao cuidado de as coligir. Em 1868 publicou João de Deus a primeira colectânea de versos a que deu o nome de «Flores do Campo». Anos depois, em 1876, saíram do prelo as «Folhas caídas». Finalmente coadjuvado pelo grande polígrafo Teófilo Braga reuniu todas as poesias, num único volume, impresso em 1893, com o título de «Campos de Flores».

As composições são variadas: Canções, Odes e Canções — Elegias, Idílios, Cânticos, Epigramas, Poemetos.

O seu coração bondoso prendeu-se com os pequeninos e para eles organizou um novo método de leitura, impresso em 1877, com o título de Cartilha Maternal.

Os estudantes de Lisboa prestaram-lhe uma grande e carinhosa manifestação no dia em que completava 65 anos, já então de saúde muito abalada.

Pouco depois morria este grande poeta lírico, este homem bom, este português que tanto honrou as letras pátrias.

sentisses o coração pulsar livremente sem contracções de medo ou angústias de remorsos; seria necessário que ao fim de cada dia pudesses receber a bênção de teus pais, que merecesses a amizade de teus irmãos, que fosses digna da confiança das tuas amigas e do louvor dos teus superiores.

Rapariga que abres os olhos deslumbrada ante a vida cheia de atractivos e tentações, tem cuidado! Não desperdices inutilmente os teus melhores dias. As horas passadas não mais as viverás; delas ficar-te-ão recordações belas ou amargas conforme o rumo que deres aos teus passos.

Ainda que o caminho do Dever te pareça árduo e penoso, por amor de ti mesma, não te desvies dele, nem pares, nem hesites. Avança sempre com os olhos no teu Ideal. Não vivas ao acaso, dá um sentido concreto à tua vida e nesse sentido trabalha sem desfalecimentos.

Pobre rapariga operária, tão sòzinha num mundo cheio de tentações para a tua alma e para os teus sentidos. Necessitas de um amparo forte e sério e muitas vezes não sabes onde encontrá-lo. Na família não encontras compreensão, nas amigas não encontras lealdade e nos homens que te lisongeiavam não encontras respeito nem amor sincero, a maior parte das vezes.

Que encontras tu afinal? Na família, ambição, nas amigas inveja, nos homens instintos desordenados sem sentimentos puros.

E tu, tão nova, entregue a ti mesma, terás de decidir sòzinha a tua vida porque só tu sofrerás as consequências da tua escolha. Vai pois desde já preparando a tua alma para os embates violentos da vida e vai poupando a saúde para os encargos e os trabalhos do futuro. Pede neste "Mês de Maria" a protecção da Virgem.

Que Ela te ajude a levar uma vida honesta, para que possas ser feliz, porque a felicidade maior será sempre conservares pela vida fora intacta a tua dignidade.

Então sim! Poderás ser altiva e orgulhosa, não da tua beleza ou elegância, que são efémeras, mas sim por teres o direito a que todos te respeitem. Neste lindo mês de Maio recolhe na tua alma pois as belas flores que sempre foram o mais lindo ornamento da Mulher: a virtude, a caridade, a abnegação, o amor e a simplicidade. Serás então digna de seguir o conselho daquele poeta que escreveu o livro mais triste de Portugal, o "Só":

O sino toca p'ra novena

Gratiae plena

E o sino toca, gratiae plena

P'ra novena

Ide meninas, à ladainha

Ide rezar

Pensai nas almas como a minha

Ide rezar

Se um dia, me deres alguma filhinha

Ó Mãe dos Aflitos! ela há-de ir também

Há-de ir às novenas, assim, à tardinha

Com sua Mãe

O presente número é de 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura

Filatelia

O que devemos coleccionar

O que devemos coleccionar? É este um dos problemas mais sérios que se apresenta ao iniciado.

Ao filatelista deverá interessar não somente os selos, mas sim tudo o que se possa relacionar com os serviços dos correios.

Mas, de dia, para dia acentua-se duma forma cada vez mais evidente a impossibilidade de organizar uma colecção geral, quer pelo elevadíssimo preço atingido por certos exemplares, em especial os selos clássicos, quer pelo número assustador de novidades aparecidas todos os anos.

Perante tal impossibilidade, vê-se o coleccionador obrigado a limitar a sua actividade.

E assim surgem as colecções de um só ou de um determinado número de países. Mas se é certo que esta variante tem muitos adeptos, não é menos certo que deixa muita gente descontente, em prejuízo da filatelia em geral.

É que estas colecções perdem todo o sentido de universalidade, tão do agrado de todos os coleccionadores.

Surgiram por isso as colecções temáticas. Estas colecções são limitadas exclusivamente a um só tema ou ideia, e daí chamam-se também ideográficas.

E, praticamente ilimitado o campo de acção que se apresenta ao coleccionador temático.

Os motivos surgem em tão elevado número, que se torna difícil escolher aquele que mais nos convirá, ou, então, que mais esteja de acordo com a nossa maneira de ser ou com a nossa actividade normal.

Aparecem, desta forma, as colecções de motivos desportivos, do correio aéreo, de músicos, cientistas, navegadores, políticos, de mapas, flores e animais, as colecções hagiográficas ou de arte religiosa, etc.

Estes conjuntos continuam a ser universais, já que todos os países, de uma forma ou de outra, reproduzem nas suas estampilhas os motivos que procuramos.

Além disso, estas colecções fazem-se sempre notar pela sua extraordinária beleza, e pela harmonia do seu conjunto.

Noticiário

Algumas províncias do Ultramar Português emitiram já selos que reproduzem os seus mapas geográficos.

As restantes seguir-lhe-ão o exemplo num futuro próximo, o que nos permitirá a elaboração de um «atlas filatélico».

— Realizando-se a Feira do Ribatejo de 22 de Maio a 5 de Junho, pela secção de Numismática, Filatelia e Ex-Libris do Circulo Cultural Scalabitano foi solicitado ao Ex.^{mo} Correio-Mór, Snr. eng. Couto dos Santos, a criação de um carimbo especial que será aposto em toda a correspondência expedida daquela Feira.

Será também editado um sobrescrito comemorativo.

C. A.



Dirigida por José Pires Bigote

Aniversários

Com este título, publicamos no número de Janeiro p. p. deste boletim, um artigo apreciando o programa das festas do 14.º aniversário do Vitória Sport Clube de Barcelinhos.

Originou este uma nota esclarecimento publicada no número de Março a pedido da Direcção daquele Clube.

Bem ao contrário do que pensam os seus autores, não houve da nossa parte qualquer intensão de melindrar fosse quem fosse, mas sim fazer uma análise bem simples ao programa.

Louvamos o que era digno de ser louvado e criticamos o que era digno de ser criticado.

Anotamos simplesmente os erros surgidos para que não se voltem a repetir, pois que como colaboradores duma página desportiva temos o Direito e o Dever de trazer para ela, tudo aquilo que se relacione com Desporto.

Adriano Faria

Ourivesaria da Póvoa

A casa do bom gosto

ao serviço dum público distinto.

Nota da Redacção

Infelizmente anda no ar uma grande dose de incompreensão quanto à função do Director do nosso "Boletim". Por essa razão e com o espírito alto de não entrarmos em pormenores (que só nos têm aborrecido) tentemos, muito resumidamente, esclarecer alguns espíritos. É certo e sabido pela vigência da lei da imprensa (e o nosso "Boletim" está dentro dessa lei porque está legalizado) que ao Director cabem as responsabilidades dos escritos consentidos no seu jornal e não, como erradamente muitos supõem, a quaisquer outros colaboradores do mesmo.

Portanto, enquanto a função de Director do "Boletim Social da Tebe" nos estiver confiada, trataremos de cortar ou não consentir, no nosso jornal, originais que, de qualquer modo, venham perturbar a paz e estabelecer a confusão. Gostaríamos de ir mais longe em considerações, mas, oportunamente, as faremos, se as inteligências de alguns não compreenderem totalmente a razão de ser desta nota.

As malhas TEBE são o símbolo do bom gosto

Saudação

Depois de larga ausência nas colunas do «Boletim Social da Tebe», aqui estou de novo, continuando gostosamente a colaborar numa obra digna de ser compreendida e acarinhada por todos aqueles que, directa ou indirectamente, estão ligados à Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.ª.

Como sempre foi meu lema, continuarei nestas colunas a defender o Desporto e muito especialmente o oquei patinado dentro das minhas modestas possibilidades.

Para todos os meus leitores atletas e amigos aqui fica pois a minha saudação e para os meus colaboradores Adriano Faria e Manuel Sousa um voto sincero de que continuem como até agora a contribuir com o seu trabalho para esta página, com um agradecimento pela maneira como a dirigiram na minha ausência.

Aqui estarei pois à disposição do C. D. da Tebe e dos clubes barcelenses, na defesa dos seus interesses para uma maior elevação do Desporto minhoto.

Pires Bigote

CICLISMO

O Clube Desportivo da Tebe criou mais uma secção; a de ciclismo, filiando-se na Associação de Ciclismo do Norte, tendo em vista um maior desenvolvimento da sua actividade desportiva e um aumento de propaganda da Empresa Têxtil de Barcelos.

A equipa é constituída por estradistas de real valor sob a orientação técnica de um valor do ciclismo Nacional.

Formam a equipa Joaquim de Sá, Gomes da Cunha e Leal Pinto, estando ainda outro elemento em negociações.

Os atletas iniciaram já a sua preparação, dependendo apenas das transferências a sua participação nas provas da Associação de Ciclismo do Norte, que servirão de óptima preparação para a prova máxima: A Volta a Portugal que cremos este ano se realiza.

Adriano Faria

Oquei em Patins

Comentários à Taça de Honra do Minho

Disputou-se a Taça de Honra em 2 séries, com o intuito de atenuar em parte os prejuízos que sempre acarreta a organização desta prova.

A série A é constituída pelo Clube D. da Tebe, Sport Clube Vianense, Oquei C. de Barcelos e Famalicense Atlético Clube.

Na primeira jornada, realizada em Barcelos, o jogo Vianense-F. A. C. não terminou, porque o rink se encontrava impraticável segundo a opinião do árbitro, que aliás correspondia à verdade, pois mais parecia um lago do que um recinto de patinagem.

Porém no jogo seguinte: Oquei C. de Barcelos-Tebe, o árbitro designado entendeu que não era assim e deu início à partida, que, como se pode calcular, foi tudo menos jogar Oquei em Patins. No final do «banho» Oquei-4, Tebe-1.

Na segunda jornada, realizada em Viana do Castelo, a Tebe venceu o F. A. C. por 1-0 e o Vianense derrotou o O. C. de Barcelos por 7-3.

A terceira jornada forneceu os seguintes resultados: Vianense-Tebe, 6-2 e F. A. C.-Oquei, 6-1.

Para acerto da 1.ª jornada jogaram no dia 17 deste mês em Barcelos o Vianense e F. A. C., tendo o primeiro vencido por 8-0.

É de lamentar o que se passou dentro e fora do rink, tendo os atletas do F. A. C. praticado toda a ordem de desacatos, muito especialmente contra o juiz da partida, cuja única culpa foi ver a clara agressão do guarda-redes do F. A. C. a um atleta do Vianense.

É de lamentar, repetimos, que tais atletas não tenham sabido dominar os nervos, para encararem mais desportivamente a derrota.

A classificação na série A é a seguinte:

	F.	C.	P.
Vianense	— 21	5	6
F. A. Clube	— 6	10	2
C. D. Tebe	— 4	10	2
O. C. Barcelos	— 8	14	2

Na série B o Vitória de Guimarães ficou em 1.º lugar com 6 pontos seguido do Sporting de Braga com 4.

Apurados para a final: Vianense, F. A. C., Vitória de Guimarães e Sporting de Braga.

Stik

Bom desportista é todo aquele que ao envergar a camisola do seu clube a defende desde o primeiro ao último minuto.

MORTE NA ALDEIA?

(Continuação na página 2)

— E ela amava-o?
 — Sim...
 — Você não queria que ela pertencesse a outro, não?
 — Não é verdade!...
 — O quê? Que é que não é verdade?
 — Eu não a matei!
 — Mas você sabia alguma coisa a esse respeito?
 — Não... Sim... Ela foi encontrada, não foi?
 — Sim, foi encontrada. E dentro de alguns minutos a polícia estará aqui...
 — Quem é o senhor?
 — Isso não tem importância. Que é que você sabe? Porque insistiu que não a tinha matado antes de eu lhe dizer ao que vinha?
 — Porque sabia que Angélique nunca aceitaria o casamen-

to. Dizia-me sempre que preferia morrer...
 — E você?
 Estávamos atravessando a ponte pênsil. Ao longe viam-se os telhados de Tracy.
 — Eu? Estava ficando louco...
 — Trabalhou ontem de tarde? Não se dê ao trabalho de mentir; posso perguntar ao seu chefe.
 — Não. Eu pedi licença para sair...
 — E viu Angélique?
 — Sim... Perto de Loges... Saímos a passear...
 — Quando você a deixou ela estava viva?
 — Sim, estava!
 — E não viu ninguém escondido por ali? Grosjean, por exemplo; é esse o nome do homem com quem ela devia casar-se, não é?
 — Eu não o vi...

O rapaz ofegava de angústia, com o rosto banhado em suor e os lábios brancos.

— Vamos vê-la? — perguntou.

— Sim.

— Oh... Nós vamos para... — deteve-se.

— Então? Não tem coragem de ir até ao fim?

— Oh, tenho? Eu... Mas o senhor deve compreender...

Subitaneamente rompeu em soluços.

G 7 deixou que chorasse. Não lhe disse mais nem uma palavra até chegarmos à casa do agulheiro, onde a multidão se apartou para dar passagem a Gaston Verdurier.

O jovem escondeu o rosto nas mãos. Perguntou:

— Onde está ela?

Mas já a mãe da rapariga o apostrofava com veemência: a cena começava a tornar-se caótica, ao mesmo tempo grotesca e trágica.

O cabo de polícia interveio:
 — Ele há-de responder por

isto em Pouilly! — disse, agarrando o pulso do jovem.

Verdurier estava louco de dor. Creio que nunca vi um rosto humano tão atormentado. Os seus olhos procuraram os nossos, como se confiasse na nossa intervenção para libertá-lo.

— Eu não a matei, juro-o!
 — gritou, enquanto o empurravam para dentro de um carro a fim de levá-lo para a cidade.

E, quando o carro já estava a cem metros de distância, ainda se podiam ouvir os seus soluços.

Tudo isto acontecera tão rapidamente e numa atmosfera tão curiosa, que eu nem sequer tentara formar uma opinião sobre o caso.

Podiam ter-me mostrado a rapariga ressuscitada, que eu não me surpreenderia. Podiam ter-me dito que o seu noivo oficial a matara, e eu nem sequer franziria a testa.

(Continua no próximo número)

PAINEL PUBLICITÁRIO

Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFAÇÃO

Especialidade em
 CAFÉS, CEVADAS, CHÁS
 e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

A

Pérola da Avenida

serve bem para servir sempre. O paladar e o bom gosto estão reunidos nesta casa de esmerado e requintado azeite. Almoços e jantares com pratos sempre regionais.

Casa das Móveis

Sempre móveis...
 Sempre carpetes...

Sempre os últimos gritos da moda

Sametil

Um medicamento
 ao serviço da pele...

Em líquido e em pó

Vende-se nas melhores farmácias

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

CASA CUNHA

DE

FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C** — confortável no interior
- E** — elegante nas suas linhas
- L** — leve como uma pluma
- S** — suave no andar
- O** — ótimo no preço

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

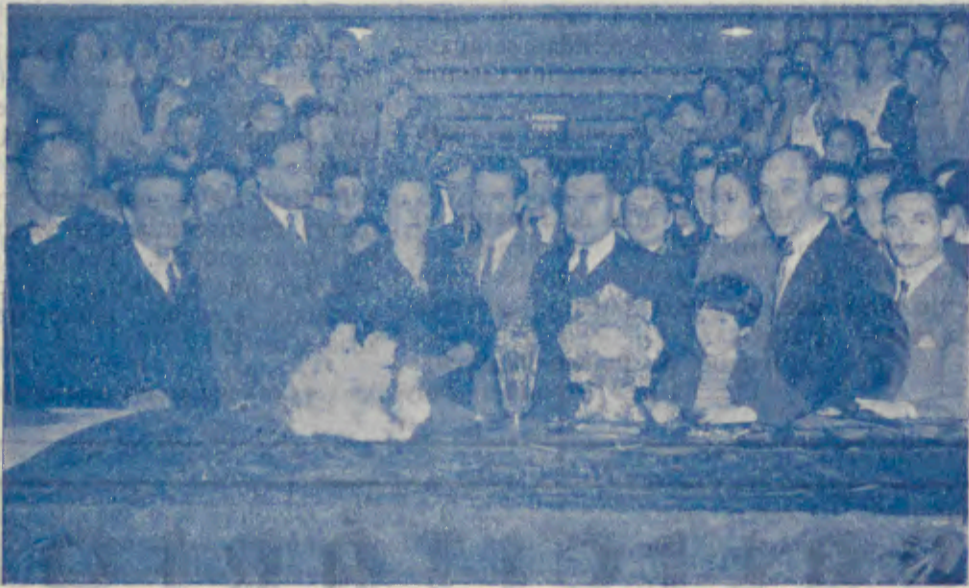
Considerações

(Continuação da página 1)

educação e divertimento para os operários desta importante empresa, que, não descarta, os problemas de espírito.

Os nossos operários precisam de dinheiro que satisfaça as necessidades da sua família, mas a

sim, em contacto com a Arte e os Ideais altos. É ao Centro de Recreio Popular que compete esta missão se souber escolher com critério superior os seus programas. Estamos convencidos que assim acontecerá, por



O Snr. Campos Henriques e esposa, D. Generosa Campos Henriques, rodeados por sócias e empregados após o abraço dado pelo operário n.º 1

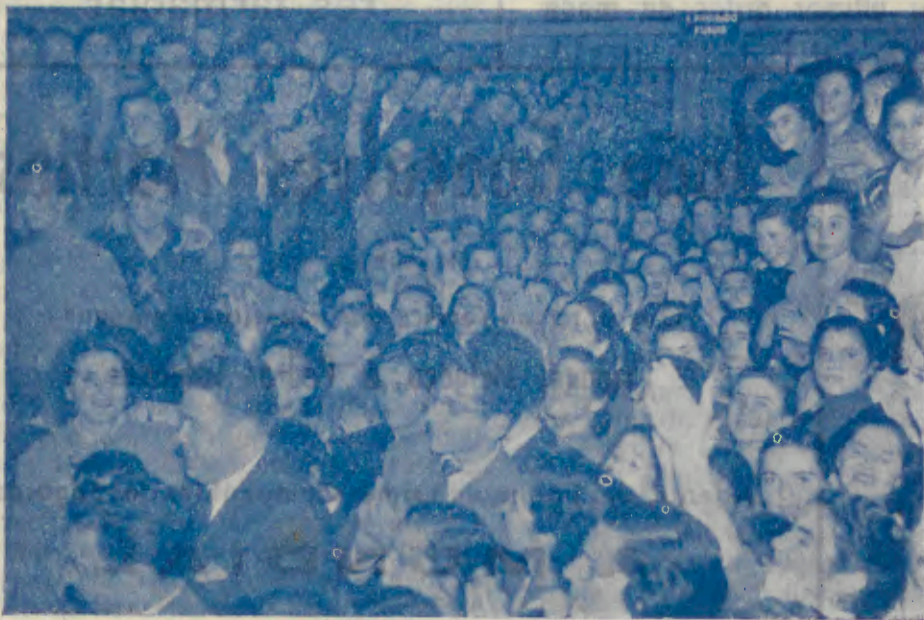
sua alma tem anseios que o nível de vida modesta não pode satisfazer. O Centro Popular de Recreio pode contribuir para um maior bem estar da classe operária ensinando a encontrar prazer nesses outros tantos motivos de satisfação para o espírito. Será a música, o teatro simples, os cantares populares, a declamação, a poesia, que ensinarão os nossos operários a sentir e a conhecer as belezas da vida, e não apenas e sempre, a vida materialista e grosseira das almas brancas.

É preciso que os corações pulsem não só, ante a satisfação de instinto grosseiro, mas

isso, nos sentimos satisfeitos com a inauguração, dentro da nossa fábrica, de mais um complemento a ajudar a formação espiritual da classe trabalhadora, que, de todos, merece os maiores carinhos.

O aniversário do Snr. Mário Campos Henriques não foi, pois, assinalado com um acontecimento efêmero e passageiro, mas sim com o nascimento de mais uma obra para benefício da cultura dos nossos empregados e operários.

Bem haja, o Snr. Campos Henriques por, proporcionar ambiente, onde podem surgir obras, como esta.



Um aspecto em que o pessoal vibrava de entusiasmo

O Infante D. Henrique

F OI este filho de D. João I e D. Filipa de Lencastra uma das mais notáveis figuras da História de Portugal. O seu nome pertence a toda a Humanidade, tão grande influência ele teve no evoluir da civilização, dos fins da Idade Média.

Depois de voltar de Ceuta, foi no cabo S. Vicente, no Algarve, que o Infante D. Henrique fixou a sua residência. Ia enfim dar realização ao sonho alto que há tanto acalentava: aumentar a terra Pátria, espalhar a Santa Fé, descobrir as ilhas atlânticas rumo do ocidente e chegar, por via marítima, à Índia.

Na ponta de Sagres, junto ao Oceano, prescrutando os seus segredos, escutando nas noites tempestuosas as vozes que o vento trazia de outros continentes, e de ilhas perdidas, aspirando nas brisas calmas os perfumes de plantas desconhecidas, o Infante, sobranceiro ao mar em noites e dias de vigília, de estudo profundo, de aprendizagem séria, qual visionário, antevendo epopeias e sonhando com paisagens novas, era o símbolo de Portugal nostálgico de aventuras, de desejo de conquistar almas para Deus e terras para a Pátria.

Nesse recanto isolado do mundo, do luxo, da vaidade e do prazer, rodeado de sábios e de estudiosos passa anos entregue aos estudos náuticos. Chama à sua escola os nomes mais célebres da época: astrónomos, cosmógrafos, geógrafos, cartógrafos, mareantes e viajantes; dedica-se a estudos matemáticos aplicados à marinha e à navegação; faz leituras de viagens e de tratados de geografia — Marco Paulo, Heródoto, Ptolomeu, Estrabão, Plínio, Cornélio Nepos.

Ao centro dos seus estudos e experiências atrai judeus, genoveses, venezianos, flamengos, alemães, abexins e índios. Dentre estes alguns foram elementos notáveis como Jácome de Maiorca, Cartógrafo judeu, António da Nola, Cadamosto, Patrício Conti e outros mais.

Quando as primeiras caravelas sulcam as águas do Atlântico levam já uma rota quase definida e muito estudada. Não são viagens de aventuras, nem seguem caminhos ao acaso embora vão por «mares nunca dantes navegados».

Em breves anos surgem ante os olhos deslumbrados dos nossos marinheiros destemidos, ilhas férteis cobertas de vegetação frondosa e de clima ameno. As viagens continuam e nada fazem esmorecer os ânimos fortes dos navegadores lusos.

Contornam toda a costa ocidental da África, dobram o Cabo das Tormentas e finalmente após uma viagem cheia de perigos conseguem aportar em 1498 a Calcut.

Foi uma luta de gigantes em que o espírito tenaz do Infante D. Henrique saiu vencedor. Naufrágios, tempestades, guerras traiçoeiras, climas inhóspitos, doenças, fome, nada faz retroceder as caravelas lusas que levadas por ventos amigos vão deixando padrões das quinças em terras remotas, que em breve serão iluminadas também pelo clarão da Doutrina Cristã.

O Infante D. Henrique foi a força galvanizadora que impeliu por mares revoltos essas caravelas frágeis.

A tenacidade do seu espírito ativo e visionário, fez curvar os marinheiros ante os terrores lendários das paragens desconhecidas sem o estudo, a insistência e perseverança do Infante, talvez os portugueses não fossem os heróis das Descobertas marítimas. O nome do Infante D. Henrique jamais poderá ser esquecido em Portugal, tanta glória, tanta honra, tanta riqueza a sua empresa trouxe à Pátria. As suas cinzas repousam no Mosteiro da Batalha, na capela do Fundador, junto a seus pais e irmãos.

A cidade do Porto, cidade do Infante, guarda com orgulho a tradição de ter sido dentro dos seus muros que nasceu esta grande figura de Português, e é com solenidade que todos os anos presta homenagem à memória do seu filho mais ilustre.